

No passado dia 13 de Novembro, teve lugar a 2.ª sessão da Escola da Fé, neste ano Pastoral de 2015/2016, do Jubileu da Misericórdia, subordinada ao tema desta sessão: **“Como viver o Ano Jubilar”**.

A oração inicial foi feita sob a forma do Cântico: **“Espírito Criador Espírito Criador Vem transformar o Mundo Vem recriar a vida do homem Vem congregar o teu povo na justiça.”**



O Sr. Padre Zé Maria explicou o sentido da gravura do folheto para esta sessão, bem como o significado das palavras do Papa Francisco escolhidas para acompanhar a gravura: **“Que cada um experimente o amor de Deus, que consola, perdoa, dá esperança. Anunciar a libertação aos que são prisioneiros das novas escravidões de hoje. Restituir dignidade a todos e cada um.”**

## PARTE I

Referindo-se à Bula **“O rosto da misericórdia”**, do Papa Francisco, o Sr. Padre Zé Maria destacou alguns excertos mais significativos para o tema abordado nesta sessão.

O Ano da Misericórdia é um tempo favorável para a Igreja, a fim de se tornar mais forte e eficaz o testemunho dos crentes (n.º 3). A primeira verdade da Igreja é a misericórdia que deve ser de tal maneira vivida pelos cristãos, que se torne evidente para todos.

Derrubadas as muralhas que por demasiado tempo tinham encerrado a Igreja numa cidadela privilegiada, chegara o tempo de anunciar o Evangelho de maneira nova (n.º 4).

O Ano da Misericórdia terá início a 8 Dezembro, nos 50 anos do encerramento do Concílio Ecuménico Vaticano II, pois a Igreja sente necessidade de manter vivo aquele acontecimento.

Concluir-se-á a 20 Novembro de 2016, na Solenidade de Cristo Rei. “Que os anos futuros sejam permeados de misericórdia para ir ao encontro de todas as pessoas levando-lhes a bondade e ternura de Deus! A todos, crentes e afastados, possa chegar o bálsamo da misericórdia como sinal do Reino de Deus” (n.º 5).

De seguida foi proclamado o Evangelho de São Lucas 4, 16 – 21, – UM ANO DA MISERICÓRDIA DO SENHOR”

Seguidamente, deu a palavra ao Dr. Manuel António que apresentou algumas meditações sobre o excerto do Evangelho que foi proclamado. Começou por dizer que se encontram textos semelhantes, no capítulo 61 de Isaías, bem como no capítulo 42. É o Espírito de Deus que nos dá a força para não desfalecer nem desistir. E está mencionado várias vezes na Bíblia. Citou o excerto de São Lucas, em que o Espírito desce sobre Jesus Cristo, após ser baptizado e uma voz proclama que Jesus é o Filho muito amado de Deus, **“Este é o meu Filho muito amado”**.

Mas já no Génesis, há referência ao **“Espírito que pairava sobre as águas”**. É este Espírito que faz de Jesus Cristo o enviado, o ungido para a segunda criação. Ele é enviado aos pobres, aos cativos, aos cegos, aos oprimidos.

Somos convidados a proclamar o Ano da Misericórdia para todos aqueles que estão dobrados sob algum tipo de submissão. Temos de cultivar em nós um olhar de salvação, como nos convida o Papa Francisco nestes dois números da Bula:

*“Neste Ano Santo, poderemos fazer a experiência de abrir o coração àqueles que vivem nas mais variadas periferias existenciais... Abramos os nossos corações para ver as misérias do mundo, as feridas de tantos irmãos e irmãs... Que o seu grito se torne o nosso e, juntos, possamos romper a barreira da indiferença” (n.15).*

*“Um ano de misericórdia: isto é o que o Senhor anuncia e que nós desejamos viver. Este Ano Santo traz consigo a missão de Jesus que ressoa nas palavras do profeta: levar uma palavra e um gesto de consolação aos pobres, anunciar a libertação a quantos são prisioneiros das novas escravidões da sociedade contemporânea” (n.16).*

Temos de ter palavras e gestos de consolação para com todos aqueles que são objecto de opressão. Há momentos na nossa vida em que temos necessidade de “colo”, por acontecimentos que nos marcam negativamente: doença, morte, crises de fé... perdem a confiança e é para estes momentos que Jesus Cristo vem. Ele é um “curador”, transmitindo-nos uma força interior, porque quer a nossa salvação, HOJE.

O Evangelho de Lucas é o Evangelho do **HOJE**, onde esta palavra aparece mencionada 12 vezes, como é o caso do episódio de Zaqueu (“*Hoje, quero comer em tua casa*” e “*Hoje entrou a salvação nesta casa*”) e o episódio do bom ladrão (*Hoje estarás comigo no paraíso*).

Jesus dirige-se ao homem concreto que tem necessidade d’Ele. É necessário mudar a imagem que temos de um Deus perverso e não do Deus bom que é. Todos são chamados, principalmente os excluídos da sociedade como acontece na parábola do banquete preparado para quem se não dignou aparecer (Evangelho S. Lucas 14, 16-23).

## PARTE II

Após cantarmos, “*A alegria do Evangelho é a nossa missão. Felizes, felizes os misericordiosos*”, o Dr. Manuel António proclamou o Evangelho São Luvas 4, 16-21, que foi o mote para o trabalho de grupo que se seguiu com duração de 25 minutos. Neste tempo, os grupos meditaram e responderam às seguintes questões:

- Como concretizar na minha vida os apelos deste Ano da misericórdia?
- Ouço o “grito” dos aflitos e feridos (casa, família, escola, trabalho, etc.)? Se não, porquê?

### PARTE III

Após trabalho de grupo, houve lugar à disposição e síntese conclusiva de cada grupo, foram 10 grupos organizados.

#### Grupo 1

Disseram que acabam por ouvir e responder, pois basta olhar à volta, começando pelos mais próximos; basta um carinho para as pessoas se sentirem apoiadas.

#### Grupo 2

A misericórdia não pode ser sazonal, mas perene. Este ano deve ser o início. Todos aqueles que têm carências ou estão sós, necessitam de misericórdia. Devemos procurar e distinguir o extraordinário e o normal.

#### Grupo 3

A misericórdia deve ser uma postura de vida. Trocar sorrisos pode ser um ponto de partida. Muitas vezes praticamos a misericórdia, sem nos apercebermos, através de pequenos gestos. Pode acontecer que nós ouçamos os “gritos” dos outros, mas nem sempre conseguimos dar resposta. Tentarão viver a misericórdia, o melhor possível, durante este ano.

#### Grupo 4

Temos de estar mais atentos e aceitar as nossas próprias misérias. É necessário abrimo-nos aos outros, mas precisamos de nos curarmos a nós mesmos, antes de curar o próximo. Nem sempre se dá resposta a quem precisa, porque dá muito trabalho.

#### Grupo 5

Começaram por fazer uma partilha do que cada um faz, como católico praticante. Dar ou ajudar pode ser fácil, se assim o quisermos. Falaram da necessidade de ver porque os outros precisam, ou mesmo se precisam. A forma de concretizar ficou em suspenso.

#### Grupo 6

É necessário fazer algo pelos outros: dar testemunho e não criticar nem julgar. É preciso dar o nosso tempo hoje. Às vezes ouve-se, outras não. É urgente escutar, sem nos centrarmos em nós mesmos. É mais cómodo não ouvir.

#### Grupo 7

É necessário estar atento ao próximo, em todos os nossos ambientes. Contudo, através da nossa sensibilidade precisamos discernir quem realmente precisa da nossa ajuda, pois há muitas situações que precisam ser bem avaliadas. Enquanto houver pessoas a bradarem por ajuda, devido a situações de guerra ou fome, por exemplo, não podemos ficar só pelas palavras. No entanto, por vezes é mais fácil ignorar, até porque os verdadeiros “gritos” são silenciosos. É preciso que este seja um ano de retorno, que abramos os nossos corações e deixemos falar a nossa sensibilidade.

#### Grupo 8

É preciso estarmos atentos a tudo o que nos rodeia, em todos os nossos ambientes. Comunicar é cada vez mais importante, como lembra o Papa Francisco; devemos desligar-nos da televisão, dos telemóveis e ligarmo-nos aos outros. Contudo, o egoísmo acaba por ser mais cómodo, pois a própria sociedade nos aponta esse caminho. Precisamos ouvir para sabermos

hoje como podemos contribuir para o bem do próximo amanhã. Devemos apoiar-nos no tripé da Piedade, Estudo e Acção.

### Grupo 9

Temos de estar mais atentos ao próximo e ajudar, se as pessoas quiserem ser ajudadas. É necessário estarmos imbuídos do Espírito de Missão para tentar escutar mais as necessidades do próximo.

### Grupo 10

É necessário estar mais atentos. Há idosos e pessoas sós que precisam do nosso apoio. A resposta no terreno é urgente: recolha de alimentos ou roupas, em articulação com instituições direccionadas para esses fins. Precisamos ser coerentes: não podemos apenas rezar pelos outros, sem agir.

O Sr. Padre Zé Maria fez uma apreciação global do trabalho apresentado por todos os grupos, frisando que o mais repetido foi **ESTAR ATENTO**. Não podemos ter uma atitude de indiferença: precisamos abrir-nos aos outros. Falou da importância dos pequenos gestos e da necessidade de reconhecermos as nossas fragilidades para nos aceitarmos. Temos de ir ao encontro dos outros, mas também devemos deixar que os outros venham ao nosso encontro. É esse o papel do Espírito Santo: descer sobre nós, iluminar-nos e impulsionar-nos. Devemos seguir o exemplo de Maria que “guardava todas as coisas no seu coração”, pois isso é uma atitude de misericórdia. Não basta fazer, é preciso primeiro organizar. O Ano da Misericórdia passa pelo coração de cada um de nós: acolher a Voz do Espírito, e assumir atitudes nobres, mais atentas e mais misericordiosas.

O Sr. Padre Almiro, em semana de S. Martinho lembrou a sua atitude de misericórdia, ao cortar metade da sua capa para dar a um mendigo. Nós também precisamos cortar a nossa vida ao meio e dar metade ao outro.

Referiu-se aos 2 jipes que seguiram para a Guiné, e do contentor que vai transportar 18 toneladas de material e que depois vai servir para acolher variadas atividades. A ideia é fazer uma aldeia de contentores ao serviço daquele povo carenciado.

Lembrou a necessidade de nos envolvermos, porque a nossa paróquia não somos só nós, a nossa paróquia deve ser universal.

Convidou todos a animarem-se e a cuidarem de si próprio que é esse um dos objectivos da Escola da Fé.

## PARTE IV

Depois de visionarmos a reportagem da SIC sobre os jipes e o contentor, o Sr. Padre Zé Maria, convidou os presentes, em forma de oração, a cantarem **“Senhor, Tu és a luz Senhor, Tu és a luz que ilumina a Terra inteira, Tu és a luz que ilumina a minha vida”**, intercalado com a leitura de trechos da leitura de Isaías, anteriormente proclamada.

Após agradecer a presença de todos e de convidar a estarem presentes na próxima sessão da Escola da Fé, o Sr. Padre Zé Maria, deu a bênção e despediu-se todos os participantes nesta sessão.